

## UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS CIRCULANTES SOBRE A “BICHA AFEMINADA” NO *GRINDR*

AN ANALYSIS OF CURRENT SPEECHES ABOUT THE “FEAKISH FAUGHTER” ON *GRINDR*

ANÁLISE DE DISCURSOS CIRCULARES SOBRE EL “MARICÓN AFEMINADO” EM *GRINDR*

*Lucas Teixeira Tavares*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma pesquisa de monografia que analisa os discursos a respeito do homem gay afeminado nos perfis do aplicativo de encontros homoeróticos *Grindr*, na cidade de Campos dos Goytacazes, em 2018. O estudo considerou o contexto da modernidade, em que as relações humanas vêm passando por uma série de transformações com os usos das novas tecnologias, novas plataformas midiáticas e aplicativos, como o *Grindr*, tomado como objeto da pesquisa, para observar como o Gênero atua como norteador das relações gays. Desse modo, a partir dos temas da Sociologia Digital e das discussões dos estudos de Gênero e Sexualidade e Desejo, buscou-se analisar as relações homoeróticas, com o objetivo de delinear os padrões e performances que orientam ou não a possibilidade de encontros sexuais pelo aplicativo de relacionamento e compreender como essas relações alcançam o cotidiano, provocando impactantes mudanças nos modos das relações e interações sociais, modificando as concepções acerca dos laços afetivos.

**Palavras Chaves:** Bicha Afeminada, Mídias Digitais, *Grindr* e Análise do Discurso.

**Abstract:** This article is the result of a monograph research that analyzes the discourses about effeminate gay men in the profiles of the homoerotic dating app *Grindr*, in the city of Campos dos Goytacazes, in 2018. The study considered the context of modernity, in which relationships Humans have been going through a series of transformations with the use of new technologies, new media platforms and applications, such as *Grindr*, taken as an object of research, to observe how Gender acts as a guide for gay relationships. Thus, from the themes of Digital Sociology and discussions of studies on Gender and Sexuality and Desire, we sought to analyze homoerotic relationships, with the aim of delineating the patterns and performances that guide or not the possibility of sexual encounters by the relationship app and understanding how these relationships reach everyday life, causing impactful changes in the ways of relationships and social interactions, modifying the conceptions about affective ties.

**Keywords:** Effeminate Fag, Digital Media, *Grindr*; Discourse Analysis.

**Resumen:** Este artículo es el resultado de una investigación monográfica que analiza los discursos sobre hombres gay afeminados en los perfiles de la aplicación de citas homoeróticas *Grindr*, en la ciudad de Campos dos Goytacazes, en 2018. El estudio consideró el contexto de la modernidad, en el que las relaciones Humanos han pasado por una serie de transformaciones con el uso de nuevas tecnologías, nuevas plataformas de medios y

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense - ESR/UFF

aplicaciones, como Grindr, tomadas como objeto de investigación, para observar cómo el género actúa como guía para las relaciones homosexuales. Así, a partir de los temas de Sociología Digital y discusiones de estudios sobre Género y Sexualidad y Deseo, se buscó analizar las relaciones homoeróticas, con el objetivo de delinear los patrones y performances que orientan o no la posibilidad de encuentros sexuales por parte de la relación app y comprensión. cómo estas relaciones llegan a la vida cotidiana, provocando cambios impactantes en las formas de relación e interacción social, modificando las concepciones sobre los lazos afectivos.

**Palabras-clave:** Maricón Afeminado; Digital Media; Grindr; Análisis del Discurso.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a apresentar o resultado da monografia “Uma Análise dos Discursos Sobre a Bicha Afeminada no *Grindr*”, realizada em 2018, para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, com o objetivo de refletir acerca dos tensionamentos do universo homoerótico entra a figura do “Macho Discreto” e da “Bicha Afeminada”. Nessa perspectiva, este artigo apresenta as investigações das relações homoeróticas e homoafetiva no *Grindr* – uma plataforma digital com sistema de geolocalização via GPS, voltada para encontros sexuais/eróticos, entre homens gays e bissexuais, elucidando, a partir das perspectivas da Sociologia Digital e dos Estudos de Gênero e Sexualidade, como ocorrem as dinâmicas dessas relações mediadas pelo aplicativo *Grindr*. Utilizou-se como ferramenta metodológica, a Análise do Discurso Francesa, buscando tecer uma investigação sobre a existência da estigmatização do homem gay afeminado no aplicativo, para compreender os fundamentos e questões imbricadas nessas relações, a partir do estigma. Desse modo, o estudo pretendeu compreender a origem e as transformações dos discursos sobre a bicha afeminada no Brasil; observar os discursos circulantes sobre a bicha afeminada no *Grindr*; e analisar como as dinâmicas e estratégias discursivas se perpetuam e se rompem no *Grindr*.

Para responder tais questões, esse trabalho conta com a contribuição da Análise de Discurso Francesa, que considera os discursos como objetos simbólicos que produzem sentidos e significados para os sujeitos, formados por uma interconexão entre a língua, a história e a ideologia. Nesse sentido, a Análise do Discurso, se concentra em verificar as condições que contribuíram para o surgimento dos discursos, buscando entender como ele pode tomar um sentido e não outro. Assim, para a Análise do Discurso, a palavra não é a única com poder de atribuir sentido às coisas, pois os sentidos estão intimamente ligados à exterioridade, ou seja, as condições de produção dos discursos (PAULON, NASCIMENTO, LARUCIA, 2014). Desse modo, o sentido que se constrói na materialidade linguística e histórica é o processo que a análise do discurso se propõe a compreender.

As discussões apresentadas ao longo desse texto, utilizam como ferramenta de investigação, as mídias digitais, a partir das concepções da sociologia digital, num contexto de intensa exposição às mídias digitais, que marcam presença em todas as esferas da vida social, uma vez que as tecnologias digitais alcançaram o mundo do trabalho, a educação, o núcleo privando de todos os cômodos da casa, a religiosidade, a cidade e o campo, os momentos de lazer, o trajeto nas ruas e também as relações afetivas sexuais, provocando profundas transformações nas formas de relações e interações sociais.

Para compor a pesquisa também é utilizado como aporte teórico as concepções de gênero e sexualidade, fundamentadas nas teorias da linguagem das escolas estruturalistas, pós-estruturalistas e as escolas anglo-americanas das relações de objeto, considerando as concepções do ser ontológico, atravessado por múltiplas camadas de discursos, que é produzido e produz materialidade em toda a vida social e, com isso, pensar as relações de gênero, sexualidade e desejo contemporâneas, que estão atreladas às relações de força na sociedade e funcionam como um dispositivo histórico para o exercício do poder.

## **SOCIOLOGIA DIGITAL E AS RELAÇÕES ÍNTIMAS**

Com os avanços e aprofundamentos da revolução industrial ocorrem também mudanças no comportamento das pessoas e em suas formas de se relacionarem. Com os adventos das máquinas e desenvolvimento das capacidades produtivas, foi possível a invenção de muitos objetos que vieram a integrar parte da vida social. A interação entre humano e não humanos por sua vez, possibilita maior variedade de interações mediadas por esses objetos seja na educação, no trabalho, na religiosidade e também na vida íntima.

Nesse sentido, a sociologia digital é um campo ainda em consolidação no Brasil e passa a delinear importantes temas, como: espaço, estruturas; mediações e práticas que marcam a sociedade contemporânea e sugerem promissoras contribuições a respeito das mudanças nos relacionamentos provocadas pelas redes sociais; “alteração na relação com o tempo e espaço”, com os avanços tecnológicos; “crescimento e disseminação da desigualdade digital e o capitalismo da informação”; “sistema de ensino e o cuidado com a saúde na era digital” (NASCIMENTO, 2016, p. 221). Esses dilemas da sociologia digital se configuram em uma sociedade expressivamente mediada e moldada pelas novas tecnologias, que compartilham cada vez mais do nosso cotidiano, contribuindo e possibilitando outras formas de interação e experiência da vida humana, caracterizando o que MISKOLCI, (2016) chama de sociedade digital.

“Por fim, adentrei no debate recente sobre uma sociologia digital. Argumentei que vivemos a consolidação de um processo confluyente de transformações tecnológicas e sócio comunicacionais que abrem não apenas um novo campo investigativo para a sociologia ou a necessidade de atualizar suas metodologias. A sociedade digital convida a sociologia a rearticular suas teorias e conceitos sobre o social, os quais passam a ser repensados a partir de um contexto em que as relações passam a ser cada vez mais mediadas e moldadas pela exposição intensificada às mídias.” (MISKOLCI, 2016, p. 277)

Como o que se pretende neste artigo, em geral, refere-se à vida íntima e a novas tecnologias, importa destacar alguns objetos de forte impacto na vida íntima a partir da revolução industrial. Em a história da sexualidade, Foucault (1988) disserta sobre como ao longo dos séculos, entre idade média e idade moderna, a sexualidade foi de reprimida a especulada, ambas como forma de controle dos corpos pela igreja, essa passagem implica em uma mudança de comportamento, principalmente sexual. Desta forma, a sexualidade passa a constituir parte relevante das identidades dos sujeitos modernos, tornando-se centrais na construção do gênero, como aponta Bozon (2004). Segundo Giddens (1993), com a modernidade e o advento do carro, cinema e contraceptivos também trazem consequências no comportamento referente às relações íntimas, gerando uma maior autonomia sobre o sexo, além de possibilitar maior abertura para que seja praticado apenas pelo prazer e não somente para procriação, o que conseqüentemente abre espaços para a luta pela existência plena da homossexualidade.

Embora a sexualidade tenha sentidos mais distantes atualmente, do que foi em outro momento histórico, e, ainda que se possa dizer que a cultura ocidental desenvolveu uma mentalidade mais liberal em relação ao sexo, o controle sobre a sexualidade permanece, sob outras formas. Produzem-se saberes sobre o sexo, sobre o que é aceitável ou não, sobre o que é normal e o que é abjeto. Nós discursos biomédicos, religiosos e midiáticos a homossexualidade é posta como desvio, doença e perversão em oposição a normativa hegemônica da heterossexualidade, de modo que, a sexualidade é noticiada em jornais, revistas, rádio, fotografias, cinema e mais tarde também na internet, sempre rodeada de um mistério espetaculoso, gera burburinhos e grandes reações.

## O GRINDR

O *Grindr* é uma plataforma digital voltada principalmente para homens gays e bissexuais. O aplicativo possui categorias prontas de identificação chamada de “tribos” em que se encontra terminologia como “Homem cis”, “Homem trans”, “Mulher cis”, “Mulher trans”, “Queers”. Essa mídia digital conta com um sistema de geolocalização baseado em raio, pelo qual mapeia os usuários mais próximos, os organizam em perfis na tela inicial, obedecendo a ordem das distâncias, ou seja, os perfis dos usuários mais próximos aparecem primeiro. Vale ressaltar que o aplicativo pode ser utilizado de forma gratuita, com o limite de 100 perfis de usuários disponíveis, e na versão *Grindr XTRA*, que é pago, conta com o limite de 300 perfis, com a possibilidade de não visualizar propagandas como na versão gratuita. O design/layout e organização dos perfis, como foto, descrição, tribos, preferências, contribuem para certa objetividade na busca por parceiros, deixando bem demarcados seus interesses e em alguns casos, dando maior ênfase ao seu não interesse, que comumente se refere ao estereótipo do afeminado.

Richard Miskolci (2017), em sua obra “Desejos Digitais”, se debruça sobre as tecnologias digitais, especificamente o *Grindr* e como elas compõem o cenário social vigente em um contínuo *on-offline*. Este cenário permite novas formas de se lidar com antigas questões que marcam historicamente as relações homoafetivas e sexuais, como desejo, repressão, amor, sexo, masculinidades e segredo. Larissa Pelúcio (2016) em: “Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais.” faz uma pesquisa com homens de meia idade heterossexuais em aplicativo de relacionamento. Pelúcio faz observações sobre como os desejos e gosto são modulados pelas novas mídias em uma dinâmica de decodificação das relações mediadas, que se inicia com uma descorporificação que vai sendo corporificada na medida que os códigos de etiquetas online vão sendo acionados na interação.

## GÊNERO, SEXUALIDADE E A BICHA AFEMINADA

Este artigo analisa as representações a respeito da figura da “bicha afeminada” dentro de uma perspectiva de relações homoeróticas e homoafetivas, contextualizando as discussões sobre gênero enquanto categoria de análise histórica e social (SCOTT. 1989). Tais discussões buscaram tornar gênero um conceito operacional às análises das relações sociais, para isso, foi preciso pensar teorias que dessem conta de explicar os diversos processos de construção dos

sujeitos. Deste modo, há um esforço em evitar que as explicações recaiam facilmente às cristalizadas noções de causalidade naturais (biológicas) ou essencialistas, que se baseiam nas diferenças entre os sexos “fêmea” em oposição binária ao “macho”, que pressupõe um ser pré discursivo, uma existência anterior a interação.

As teorias da linguagem das escolas estruturalistas e pós-estruturalistas e das escolas anglo-americanas das relações de objetos, entendem o ser ontológico atravessado por múltiplas camadas de discursos, que são produzidos e produzem materialidade em toda vida social. Também influenciadas pelas teorias psicanalíticas de Freud e principalmente Lacan, sobre o inconsciente, subjetividade e sistemas simbólicos, que tiveram grande contribuição para explicações mais refinadas acerca do gênero em termos científicos. Explicando, assim, comportamentos até hoje considerados como desviantes pela sociedade, o que significa uma quebra da ideia de coerência natural e linear entre o sexo, gênero e desejo.

Entretanto, é preciso pensar como as relações de sexo e gênero estão atreladas às relações de poder. Neste ponto, Scott e Butler (2003) se aproximam das noções foucaultianas para explicar como o sexo e o gênero funcionam como dispositivos históricos para o exercício do poder. A teoria *Queer*, formulada pela autora Judith Butler (2003), se utiliza de um termo *Queer* em inglês, inicialmente usado para inferiorizar todas as pessoas que fogem de alguma forma à heteronormatividade. Em sua possível tradução, *Queer* pode facilmente significar excêntrico e estranho, em tom pejorativo. No entanto, este termo vem sendo ressignificado e apropriado pelos LGBTQIA+, dando um sentido de empoderamento, como uma forma de enfrentamento da estigmatização. Butler (2003), por sua vez, propõe a implosão das noções binárias a respeito do sexo e gênero como explicações operacionais às análises científicas, de forma a colocar no mesmo nível todas as identidades sexuais e gênero. Isto é, todas como construções sociais e nenhuma como dada ou natural.

Sendo assim, a autora propõe pensar gênero como forma e não como conteúdo, ou seja, gênero como ato performativo, que é produzido a partir da repetição e da prática cotidiana, no intuito tanto consciente quanto inconsciente de projetar suas identificações fantasmáticas que não são necessariamente fixas ou binárias. Porém, toda identidade que foge à normativa da heterossexualidade compulsória, acaba passando por um processo de deterioração, promovido por discursos que buscam a manutenção da ordem hegemônica vigente. Como no caso do estigma do passivo sexual, em que um homem, ao cumprir o papel sexual na posição de receptor, isto é, o que seria receber um pênis, algo atribuído socialmente ao papel da mulher, é associado ao feminino com todos os deméritos que essa categoria

carrega em relação à dominação masculina sobre ela. O mesmo pode acontecer quando qualquer homem cumpre um papel e se utiliza de elementos considerados femininos. No caso de ser um homem gay, isso se agrava.

Outra discussão que se faz relevante à pesquisa e está em voga nos últimos 20 anos é sobre masculinidades. Segundo Connell e Messerschmidt (2013) há multiplicidade e hierarquia entre elas. Sendo assim, os autores trabalham com os conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas, que podem ratificar ou protestar contra a masculinidade hegemônica. Intersecções de raça, classe, gênero, sexualidade, desejo e discussões sobre violência também são assuntos abordados neste tema.

### ANÁLISE DO DISCURSO NOS PERFIS DO GRINDR

Como um caminho teórico para pensar a Análise do Discurso, faz-se importante contextualizar o conceito de ato de linguagem, que para Pêcheux *apud* Orlandi (2009) consiste em quatro elementos na comunicação. Sendo eles: sujeito comunicante e sujeito interpretante, sujeito enunciador e sujeito destinatário, que estão divididos em dois circuitos na encenação, o interno/subjetivo que seriam o enunciador e o destinatário e o externo, onde estão os sujeitos comunicante e interpretante. O sujeito enunciador, uma pessoa que ao se comunicar torna-se também comunicante, ou seja, torna-se um ser psicossocial, carregado dos códigos e símbolos culturais da sociedade que está inserido, e que atribuem, de maneiras distintas, valores às coisas e pessoas. O sujeito que vai dar sentido à mensagem é o interpretante, sendo o destinatário, o sujeito idealizado pelo enunciador, que se baseia em ideias prévias, antecipação, no intuito de maior compreensão possível entre dois ou mais sujeitos. Vale também destacar que sujeitos, ao se comunicarem, precisam reconhecer que existe um contrato entre os parceiros nos atos de linguagem, que basicamente é a antecipação de possíveis objetivos de uma forma de comunicação, conforme destaca Alencar (2017), que acrescenta que:

Poderíamos dizer, portanto, que, ao entrar em um aplicativo de encontros gays, o usuário (ou sujeito-comunicante) já sabe, ou pelo menos imagina, o que irá encontrar – os tipos de representação de si que ali estão, de possíveis abordagens, de tipos de fotos de perfil que podem ser encontradas, enfim, de uma totalidade de elementos que podem ou não coincidir com suas expectativas. E é justamente por ser um sujeito psicossocial (interpretante) que ele possui essa gama de ideias sobre o que poderá encontrar ao logar em tais mídias, pois ele circula por espaços sociais e está atravessado por discursos e imaginários dos quais ele mesmo não é totalmente consciente (ALENCAR, 2017, p. 4).

Outro ponto importante, antes de chegar nas análises de discursos no Grindr, é a noção de identidade social e identidade discursiva que, segundo Alencar (2017), a partir de estratégias discursivas é possível dar outras formas a traços identitários mais fixos e estáveis, no caso, os traços referentes à identidade social, projetando assim, uma identidade discursiva que pode destoar da realidade social. Nesse sentido, os traços identitários podem ser pensados com transitividade e permutação de diversas características que um único sujeito pode apresentar.

Os discursos coletados dos perfis do *Grindr* em 2018 anunciaram uma predileção à masculinidade viril e uma rejeição à figura do afeminado. Isso se apresenta em enunciados como: “Não sou, nem curto afeminado”, “Discreto e fora do meio”, “Macho e busco semelhantes”. Dos doze (12) perfis selecionados aleatoriamente durante quatro (4) dias seguidos em diferentes turnos do dia, quatro (4) deles diziam em sua descrição não curtirem afeminados abertamente, como pré-requisito para iniciar interação. Outros sete (7) perfis buscavam enfatizar que são discretos, sigilosos e machos, o que na prática significa um explícito afastamento da figura do afeminado. Apenas um perfil se auto-declarava com afeminado, trazendo flutuações de gêneros ao se referir a si mesmo, em tom positivo, o que destoava e possibilitava uma disputa com os outros perfis. Nesse sentido, é visto também como o discurso biomédico contribuiu na produção dos corpos desejados na sociedade e como isso se reflete diretamente no universo homossexual, mais precisamente tratado aqui, como se reflete no aplicativo do Grindr no Município de Campos dos Goytacazes/RJ.

## **DISCURSO RELIGIOSO-FUNDAMENTALISTA**

Os discursos negativos sobre homossexuais e, conseqüentemente, sobre os homossexuais afeminados não são recorrentes apenas nos dias atuais, fazem parte também da história do Brasil. Exemplo disso foi o tribunal da Inquisição (1536-1821) que perseguiu aqueles que hoje podem ser considerados os LGBTQIA+, pois em seus arquivos constam quase cinco mil denúncias contra lésbicas e gays luso-brasileiros. Destes, 400 foram presos, sentenciados, açoitados e degredados para territórios distantes, 30 gays e lésbicas foram condenados à morte, queimados nos autos da fé. Os denunciados pelo crime de sodomia que viviam no Brasil pertenciam a todas as camadas sociais, desde povos tradicionais cristianizados, africanos e crioulos escravizados e libertos, a marinheiros, soldados, sacerdotes, funcionários públicos, adolescentes e adultos. Em 1824, após a independência do Brasil, a homossexualidade deixou de ser crime perante a constituição, mas o resquício anti-

homossexual continuou reverberando violência e intolerância aos que chamamos hoje de população LGBTQIA+. Isso fica evidente nas práticas discursivas homofóbicas que atravessam a cultura, a linguística popular, os meios de comunicação e as instituições sociais, criando um universo discriminatório (MOTT, 1994).

### LEIS QUE INFLUENCIAM CULTURA – DISCURSO LEGAL

Segundo Green (2000), entre 1872 e 1890 a população na cidade do Rio de Janeiro praticamente duplicou. O autor aponta que o salto populacional foi de 266.831 para 518.290 pessoas, o censo de 1890 registrou 238.667 homens e 184.089 mulheres residentes na capital da nação. Isso decorre do alto número de imigrantes estrangeiros homens que passam a perambular pelas ruas em busca de empregos, diversão, companhia e sexo, como assim coloca o referido autor. Esse contexto torna-se o cenário propício para encontros homoeróticos, embora a sodomia tenha sido discriminada pela constituição de 1890, indiretamente as práticas homoeróticas contavam com quatro artigos que marginalizavam a população homossexual. Deste modo, era ilegal o atentado ao pudor, passível de punição por criar “paixões lascivas”, “depravadas”, “ofender bons costumes”, sexo em locais públicos, uso de um suposto nome diferente da identidade, títulos “indevidos” e outros “disfarces”. Na prática, isso era mais uma forma indireta de criminalizar, principalmente as travestis e os homossexuais que mantinham costume de usar roupas e acessórios considerados femininos.

Juntas, essas quatro provisões impuseram restrições legais àquelas que se congregassem em espaços públicos no intuito de encontrar pessoas de seu mesmo sexo interessadas em relacionar-se eroticamente. As provisões deram à polícia o poder de encarcerar arbitrariamente homossexuais que mostrassem em público um comportamento efeminado, usassem cabelos longos, roupas femininas ou maquiagem, ganhassem a vida com a prostituição ou aproveitassem o abrigo dos arbustos nos parques para desfrutar de um contato sexual noturno. A sodomia havia sido discriminada no início do século XIX. Contudo, códigos penais com noções vagamente definidas de moralidade e de decência pública, assim como provisões que limitavam a travestilidade e controlavam rigidamente a vadiagem, forneciam uma rede jurídica pronta para capturar aqueles que transgredirem as normas sexuais aprovadas socialmente. Embora a homossexualidade em si não só fosse tecnicamente ilegal, a polícia brasileira e os tribunais dispunham de múltiplos mecanismos para conter e controlar esse comportamento (GREEN, James, 1999, p. 74)

Outro exemplo, é o levantamento documental de fontes no Arquivo Nacional, feito também por James Green. Por meio dos registros dos tribunais, observa-se a ridicularização da figura do “fresco”. No caso exemplificado por Green, que em 1905 “João N” é acusado publicamente por um vizinho, Baudilio, de ser um “puto”. Esse vizinho foi detido e acusado

de infringir o art. 282, que tratava do “Atentado ao Público e ao Pudor”, por se referir a “João N” nestes termos publicamente. Todavia, o caso foi a julgamento e as testemunhas ouvidas estiveram em consenso com o relato de João N. O réu confirmou tudo, e disse que o chamou de “puto” porque usava maquiagem, remetendo rapidamente à figura do afeminado no Largo do Rossio e à prostituição masculina. Em decorrência desse argumento o réu foi inocentado.

## DISCURSOS BIOMÉDICOS

Outro momento que se faz importante destacar foi a epidemia da AIDS na década de 1980, momento em que é produzido um discurso biomédico que contribui com a discriminação moral das práticas sexuais, principalmente relacionados à homossexualidade. Esse discurso médico, por falta de soluções efetivas no combate do vírus HIV, passa a tentar reverter os efeitos biológicos, como a baixa imunidade, e físicos, como o emagrecimento. Para isso, começa a prescrever anabolizantes, exercícios físicos e suplementos para aumento do sistema imunológico, reforçando a ideia de que o corpo musculoso seria sinônimo de um corpo ávido, viril, imponente, saudável, curado e sarado (advindo do verbo sarar). Ao contrário desse corpo malhado, ávido e viril, o corpo magro, franzino e, portanto, pouco viril é associado à doença.

Data desse período, também, a emergência de um modelo corporal hegemônico, o do homem malhado ou “sarado”, termo que evoca a ideia de que um corpo trabalhado por exercícios físicos seria a prova da saúde, de não estar doente, possivelmente não ter o vírus hiv. Na verdade, há pesquisas em diferentes contextos nacionais que afirmam que esses corpos musculosos foram criados como consequência da própria epidemia de aids, pois sem medicação efetiva, médicos receitaram esteroides e recomendavam a prática de musculação para evitar a perda de peso e incentivar um estilo de vida “saudável” aos portadores do HIV (MISKOLCI apud SILVA, 2017).

## DISCURSOS DAS MÍDIAS

A relação entre veículos de mídias digitais ou analógicas e o homoerótico marca presença no Brasil a partir do século XIX, por exemplo, no livro: “Masculinidade: teoria, crítica e artes” organizado por PENTEADO; GATTI (2011) em vários artigos. Dentre esses artigos, (SOUZA, 2010) destaca que em 1885 há referência a relações homoeróticas no romance “Um homem gasto” sob o pseudônimo de Lourenço Leal. Em 1888 encontra-se presente na obra literária “O Ateneu” de Raul Pompéia, representado nas relações entre estudantes do internato. “O cortiço” (1890) e Bom Crioulo (1985), sendo esse o mais explícito até então, tendo a homossexualidade mais central. Em “Dom Casmurro” (1900), Miskolci

(2011) aponta para uma possível relação homoerótica entre Bentinho e Escobar, narrada em uma trajetória desde os tempos da escola até a morte de Escobar, em que ambos trocam intimidades, conversas e pensamentos que indicam um desejo quase que oculto do personagem que se torna o Dom Casmurro.

No mesmo período, aponta Green (2000), uma charge “Escabroso”, publicada no Malbo, uma revista voltada para a classe média, se utiliza da figura do fresco e do fanchono. O primeiro em associações com o jeito particular de vestir, associado exageradamente a estereótipos não masculinos e a prostituição, isso fica evidente nos jogos de palavras usado pelo chargista, que por sua vez reflete as noções sociais recorrentes sobre o fresco. O segundo, um cavalheiro corpulento e masculino que busca classificar seu objeto de desejo reservado, o “fresco”, em uma conversa aparentemente despropositada, mas que propõe uma realocação territorial para um ambiente mais fresco, em que o mesmo possa se aquecer com alguma aventura sexual. Essa charge pode ser mais uma fonte de análises sobre os frescos que seriam aproximadamente os gays afeminados atualmente, e contribuir com as possíveis investigações sobre os principais discursos implicados nesse processo.

Outra fonte de análise interessante pode ser o livreto publicado pela “Rio Nu”, em 1914, “O menino da Gouveia”, e talvez a primeira história pornográfica e homoerótica brasileira, como desconfia Green (2000). Em quinze (15) páginas e divididas em cinco (5) capítulos, seguidos de uma série de dezesseis contos rápidos, o livreto contava também com uma ilustração de dois homens praticando sexo anal. Podendo ser encontrado em qualquer banca de jornal e por um preço acessível às pessoas que recebiam um salário um pouco maior que o necessário para sobrevivência. No entanto, ao que tudo indica, esse conto é baseado em fatos, ou seja, não é algo que provém genuinamente da imaginação/fantasia do autor, neste caso, mais especificamente de uma experiência pessoal dele.

Como notou Robert Howes num ensaio introdutório à edição inglesa do romance em 1982, Caminha, com “dignidade e seriedade contidas”, constrói Amaro como “um personagem forte, vigoroso” cujo amor por Aleixo, como objeto do desejo sexual, é apresentado em termos menos favoráveis. O jovem delicado, que é inocentemente seduzido para as atividades homossexuais, transfere sua lealdade amorosa quando Carolina o cobre de atenção. Ao contrário do menino do Gouveia, Aleixo não tem uma orientação sexual definida. No fim da história, quando Amaro o mata num acesso de ciúme, o autor gera empatia não com o jovem volúvel, mas com o nobre marinheiro, cuja paixão o conduz à própria morte (GREEN, 1999, p. 75).

Passando pelas páginas da revista “Rose”, que vai se voltando para o mercado erótico direcionado ao público gay, sempre estampada em suas páginas corpos de homens nus

brancos, magros e/ou corpos definidos, com certo tônus muscular, valorizando a masculinidade. Além de charges que ridicularizavam comportamentos afeminados como evidencia Charles Lopes (2011).

Outra fonte de pesquisa interessante sobre o tema se encontra em um jornal existente no período da intervenção militar no Brasil, o Jornal “Lampião da Esquina”, mais precisamente nas colunas “troca-troca” e “cartas na mesa” de abril de 1978 a junho de 1981. “Lampião da Esquina”, que depois de sua consolidação fundamentada em debates do cinema e literatura, destinou lugar para o enfrentamento da ideia de patologização da homossexualidade, espaços para cartas recebidas em formato de denúncias de crimes e violência contra a população homoafetiva daquela época. Destinou espaço também para a coluna “Troca-troca”, que pela primeira vez na história da mídia, foi destinado à busca de parceiros para amizade, amor ou sexo entre homossexuais, como uma espécie de classificados. Isso permitia que a busca pelo flerte se deslocasse do lugar físico e se interligasse por estados, cidades, regiões e bairros, algo semelhante ao que acontece nos aplicativos pelos quais os encontros acontecem a partir da geolocalização por GPS (SILVA, 2017). Desta forma, facilitam e garantem maior frequência aos encontros via plataforma de mídia digital que via jornal Lampião da Esquina, pois dependiam de maior tempo até que as cartas chegassem aos seus destinos.

No Jornal Lampião da Esquina, foi possível notar critérios na seleção de parceiros, como raça, classe, capital cultural e estilos de vida do consumidor do Jornal, que precisava ser alfabetizado, morar na metrópole e ter determinadas condições financeiras. Salienta-se, também, as categorias mais recorrentes dos classificados da coluna troca-troca como “moreno” - questão da cor da pele negra ou parda relacionada à sensualidade. O “entendido” como forma de fugir do binarismo “ativo/passivo” ou simplesmente se afastar da categoria “passivo”, “jovem”, “bonito”, “branco”, “alto”, “sozinho”, “universitário”, “com situação financeira estável”, “inteligente”, “nível superior”, “estudante” e “discretos”. Assim, é possível observar um panorama social do que era valorizado e desejado à época (SILVA, 2017).

Desta forma, a partir dos dados e fatos históricos anteriormente abordados, é possível captar fragmentos das representações simbólicas do gay afeminado, como sendo “frescos”, “passivos”, “pequenos”, “delicados”, “putos” e “prostitutos”, atributos percebidos como negativos socialmente. Embora não tenha sido encontrada nenhuma menção a algum termo que remete diretamente ao gay afeminado, nas colunas do jornal Lampião da Esquina, foi observado a utilização do termo “discreto”, que agora não mais encontrado em anúncios de

jornal, encontra-se readaptado nas plataformas midiáticas, mediando a busca por parceiros nas relações homoeróticas, o que pode caracterizar uma paráfrase que encontra permanência e origem no passado.

A televisão, cinema e o *Youtube* também integraram esse processo, a exemplo de “Loreay Fox”, “amor & amp”, “sexo” (SANTIAGO, CASTELLOS e RODRIGUES, 2017), entre outros, que produzem discursos hegemônicos, reforçando alguns estereótipos e outros discursos mais políticos e atuais sobre identidades de gênero e sexuais. Nos últimos tempos parece haver uma disputa de discursos hegemônicos e contra hegemônicos sobre sexualidade e gênero.

### ANTECIPAÇÃO DAS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

É fato que os perfis do *Grindr*, aqui analisados, utilizam-se de antecipações ao fazer o exercício de se colocar no lugar do outro e supor uma série de determinações, a fim de melhor comunicação. Nesse sentido, as formações imaginárias estão presentes todo o tempo nesse processo, compondo as imagens simbolicamente construídas nos arquétipos de masculinidade e feminilidade, desde altura, peso, etnia, roupas de caráter mais formal ou informal, por vezes relembrando muitos aspectos atribuídos ao fresco do Malbo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As condições de produção dos discursos sobre a bicha afeminada no *Grindr* são rodeadas das filiações discursivas e institucionais, discursos biomédicos, jurídicos, religiosos, midiáticos do senso comum, que formam uma memória discursiva e também formações imaginárias sobre a figura do afeminado ao longo da história do Brasil. Tais discursos, fundamentados em homofobia e misoginia, foram produzidos e difundidos a fim de garantir a dominação e poder de determinados grupos sobre outros, produzindo a norma e anomalia social de forma arbitrária, buscando justificar uma identidade em detrimento da outra.

Desse modo, o que se vê entre os perfis analisados do *Grindr* em Campos dos Goytacazes é uma supervalorização da masculinidade viril e abjeção da figura do afeminado, que faz com que haja uma tensão quando um perfil enuncia uma identidade afeminada, podendo, em uma análise mais aprofundada, num eventual desdobramento dessa discussão, ser possível pensar uma disputa política entre as masculinidades no aplicativo.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. Resistências a padrões e normas em aplicativo de encontro gay. 13º Mundo de mulheres e fazendo gênero - Transformações, conexões e deslocamento. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2017. Disponível em:

<[http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498071556\\_ARQUIVO\\_ArtigoFazendoGeneroVenan.pdf](http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498071556_ARQUIVO_ArtigoFazendoGeneroVenan.pdf)>. Acesso em: 24 ag. 2018.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**: Florianópolis, janeiro-abril/ 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014)>. Acesso em: 03/ 11/2019.

BOZON. Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: editora FGV. 2004.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade, **Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp,1993.

GREEN, James N. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOPES, Charles. Masculinidade em rose: **gays efeminados/homens discretos**. Métis: história & cultura – v. 10, n. 20, p. 165-184, jul./dez. 2011.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: **uma análise sociológica da busca por parceiros online**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

MISSE, Michel. **Estigma do Passivo Sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Booklink, 2007. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/291511/mod\\_resource/content/1/O%20Estigma%20sexual%20-%20Michel%20Misse%20%281%29.unlock.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/291511/mod_resource/content/1/O%20Estigma%20sexual%20-%20Michel%20Misse%20%281%29.unlock.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2018.

NASCIMENTO, Leonardo. **Sociologia digital: um desafio para o século XXI**. Porto Alegre: Sociologias. P. 216-241.216

PAULON, Andréa; NASCIMENTO, Jarbas Vargas; LARUCCIA, Mauro Maia. Análise do Discurso: Fundamentos Teórico-Methodológicos. **Revista Diálogos Interdisciplinares**. São Paulo, 2014.

PELÚCIO, Larissa. **Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas**: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. In: Contemporânea, v.6, n.2,p.309-333, Jul-Dez. 2016.

PENTEADO, Fernando; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. Estação das letras e cores: São Paulo, 2011.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SILVA, João. **Desejos commodificados**: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo. 2017. 194 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8886/DissJPFS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 out. 2018.